



Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal holandês “De Telegraaf”

Entrevista publicada no dia 10 de abril de 2008

Jornalista: Presidente, o que traz o senhor aos Países Baixos?

Presidente: Venho aprofundar os laços entre os nossos países e nossa cooperação nos grandes temas da agenda internacional. Venho, também, falar sobre o excelente momento que vive o Brasil.

Jornalista: Quando foi a primeira vez, em sua vida, que o senhor ouviu falar do nosso país?

Presidente: Todo brasileiro, e especialmente todo pernambucano, tem a obrigação de conhecer os Países Baixos. Os holandeses tiveram passagem importante pelo Nordeste do Brasil, e Maurício de Nassau é até hoje admirado pelo seu espírito empreendedor e visionário. Sou um admirador de longa data dos Países Baixos e tenho muitos amigos aqui, sobretudo no movimento sindical. E seu país, além de seus atrativos naturais e históricos, é mundialmente famoso pelo caráter tenaz e empreendedor de seu povo.

Jornalista: Quais são as opiniões do senhor sobre o nosso país, que tem o tamanho do estado do Rio de Janeiro? E o que o senhor pensa sobre a nossa forma de governo, a monarquia?

Presidente: No meu país, temos um ditado popular que indica que “tamanho não é documento”. Os Países Baixos, assim como muitos outros países, já deram amplas provas disso. Quanto à vossa forma de governo, isso é um



assunto que cabe aos holandeses decidir. No Brasil, tivemos um plebiscito e os brasileiros optaram por manter o sistema de governo presidencialista.

Jornalista: Qual a sua impressão sobre a nossa rainha Beatrix? Quais as lembranças que o senhor tem da visita de Estado da nossa rainha ao Brasil, em 2003? Isso deixou nossas duas nações mais próximas?

Presidente: Foi uma honra e um prazer receber a Rainha Beatrix em 2003. Tenho certeza de que sua visita ajudou a estimular ainda mais as relações entre nossos países, que já são excelentes, especialmente em termos econômicos. Venho, hoje, retribuir seu gesto e sua gentileza.

Jornalista: Embora a Holanda seja um país pequeno, com apenas 16 milhões de habitantes, é o segundo maior investidor estrangeiro no Brasil. O senhor pode comentar o assunto, por favor?

Presidente: Para responder à sua pergunta, basta lembrar que empresas como a Philips e a Shell têm sua origem neste país. A presença e a importância dos Países Baixos como investidor não se limita ao Brasil. É mundial. A presença das empresas holandesas é muito bem-vinda e tem papel extremamente importante no desenvolvimento de nosso País. Agora, se o Brasil não fosse um mercado interessante, esses investimentos não existiriam. O desempenho da economia brasileira mostra que as empresas holandesas fizeram a escolha acertada, é uma relação de benefícios mútuos. Por outro lado, o Brasil é hoje o 12º maior investidor internacional, e nossos empresários vêm seu país como importante plataforma para a acelerada internacionalização da economia brasileira.

Jornalista: O seu Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) está



investindo 250 bilhões de dólares na infraestrutura do Brasil, até 2010. De 13 a 18 de abril, uma grande missão de empresários estará visitando o Brasil. O senhor vê oportunidades para companhias holandesas participarem desse Programa, por exemplo, em parcerias público-privadas?

Presidente: As empresas holandesas têm todas as oportunidades para participarem no PAC, uma vez que um dos pilares do Programa é, justamente, o das parcerias público-privadas. O PAC é uma iniciativa extremamente ampla e ambiciosa que tem como objetivo central os investimentos em infra-estrutura, e inclui investimentos em transporte, energia, habitação, saneamento e recursos hídricos. Queremos superar certos gargalos do País, estimular os setores produtivos, levar benefícios sociais para todas as regiões do País e aproveitar todo o nosso potencial de crescimento. Recordo que estão previstos importantes investimentos, entre outros, em infra-estrutura portuária e naval, setores de reconhecida excelência neerlandesa.

Jornalista: O Brasil detém 14% de todo o suprimento de água doce do mundo. Quão necessário é melhorar o gerenciamento dos recursos hídricos no Brasil e qual é o papel do PAC neste contexto? Como os holandeses podem ajudar?

Presidente: O saneamento e os recursos hídricos são dois dos principais componentes do PAC. Para que você tenha uma magnitude das obras e dos investimentos envolvidos, o Programa trará, como resultado, água e coleta de esgoto para 22,5 milhões de domicílios, e infra-estrutura hídrica para 23,8 milhões de pessoas. Queremos aumentar a oferta de água para consumo humano e para produção, e distribuir essa água de maneira mais equilibrada no País. Estamos muito interessados na participação de empresas holandesas, com seus investimentos e conhecimentos. Estamos sempre abertos, também, à cooperação com os Países Baixos, que têm ampla tradição nessa área.



Jornalista: A economia do Brasil está indo bem, mas as exportações (por exemplo, de soja) estão severamente comprometidas pela falta de uma boa infra-estrutura, transportes e portos modernos. Sob essa perspectiva, o que o Brasil pode aprender com os holandeses?

Presidente: Essas são, exatamente, algumas das principais razões que levaram meu governo a lançar o PAC. O objetivo do programa é melhorar a infra-estrutura, superar os gargalos. Não há dúvida de que os Países Baixos e o porto de Roterdã, em particular, são um exemplo em termos de boa infra-estrutura. A reconhecida competência e experiência de vocês nesse setor são muito bem-vindas.

Jornalista: O chefe da missão empresarial da Holanda, o secretário de Economia holandês, F. Heemskerk, chama o Brasil de “a terra das oportunidades”, embora “algumas vezes difícil”. Fazer negócios no Brasil é complicado?

Presidente: Se fazer negócios no Brasil fosse assim tão complicado, o investimento externo no Brasil não teria duplicado entre 2006 e 2007, atingindo o valor de 34,6 bilhões de dólares. A própria UNCTAD identificou o Brasil como o quinto melhor país para se investir. Mas é verdade que há muito ainda por fazer, em termos de simplificação e de eliminação de burocracia, e estamos trabalhando nisso com muito empenho. Com esse objetivo, por exemplo, apresentamos uma proposta de reforma tributária ao Congresso.

Jornalista: O Brasil é um país grande, estável, democrático e rico em recursos. Investidores estrangeiros gostam desse tipo de mercado, especialmente quando a inflação é relativamente baixa e existe um banco central



independente. O senhor reforçou a democracia e deu ao povo pobre, como prometido, mais poder de compra. Mas, e a economia do País?

Presidente: As reservas do Brasil são hoje superiores à dívida externa do setor público e do setor privado. Ou seja, com reservas de mais de 190 bilhões, o Brasil, pela primeira vez em sua história, passou de devedor a credor internacional. A inflação está baixa e controlada, na faixa de 4,5% nos últimos doze meses, o consumo cresce há 16 trimestres consecutivos. Desde que assumi o governo, foram criados 10 milhões de empregos, as exportações e as importações quebram recordes históricos. Como resultado desses sinais claros de estabilidade e de expansão saudável, os investimentos crescem há 15 trimestres consecutivos. É importante dizer que o bom desempenho econômico do Brasil não se deve apenas a uma situação internacional favorável nos últimos anos. Em outros bons momentos recentes da economia mundial, o Brasil não conseguia acompanhar os bons índices. Os números atuais da economia e a baixa vulnerabilidade em relação à atual crise nos EUA são resultado do ajuste fiscal de 2003. Fizemos nosso dever de casa: aumentamos o superávit primário de 3,75% para 4,25% do Produto Interno Bruto. Tudo isso faz a economia mais forte para enfrentar novas turbulências, o que nos dá a segurança de que o Brasil deverá crescer em 2008 ainda mais do que os 5,4% de 2007.

Jornalista: Quão urgente é a necessidade de grandes reformas (impostos, pensões, leis trabalhistas e infra-estrutura), e o que o governo do senhor pode fazer a esse respeito, nesses quase dois anos que lhe restam? Como um ex-líder sindical, talvez o senhor seja a melhor pessoa para explicar a necessidade da reforma.

Presidente: Essas reformas são, de fato, muito urgentes. Avançamos em



todas as áreas que você mencionou. Em fins de 2003, o Congresso brasileiro aprovou uma primeira reforma da Previdência. Ela não é definitiva, mas já resolveu vários problemas importantes. Recentemente, enviamos proposta de reforma tributária para avaliação do Congresso. No tema das leis trabalhistas, estamos estimulando um diálogo entre Sindicatos e empregadores com vista a chegar a uma fórmula consensual. Como se vê, nenhum desses três temas depende, unicamente, da vontade do governo, não podemos resolvê-los sozinhos. Esses são temas nos quais só podemos avançar com o apoio e a participação dos interessados e, em última análise, de toda a sociedade brasileira.

Jornalista: De que maneira, senhor Presidente, estão sendo reduzidos os índices de criminalidade e violência, e melhorando a educação no País?

Presidente: A violência e os problemas na educação são reais, ambos atentam contra o bem-estar da população. A meu ver, uma parte de solução definitiva para o complexo problema da violência, é a redução da pobreza e da desigualdade. Outra é, justamente, a criação de oportunidades de educação para todos. Nos últimos cinco anos, acho que avançamos muito: reduzimos a desigualdade, diminuindo pela metade a extrema pobreza; 9,7 milhões de brasileiros saíram da miséria; 20 milhões migraram das classes D e E para a classe C; a renda média real das famílias aumentou 5,3% entre 2003 e 2005; também tivemos aumento do número de pessoas com acesso a energia elétrica, água e saneamento básico; com o Bolsa-Família, criamos incentivos econômicos para manter as crianças e os jovens nas escolas; incluímos centenas de milhares de jovens em programas de bolsas; criamos novas universidades e escolas técnicas. Ainda temos muito trabalho pela frente, mas estamos enfrentando os problemas que você mencionou atacando o mal pela raiz.



Jornalista: Em 2010 termina o seu segundo mandato. Quais são os planos do senhor para o futuro?

Presidente: Em 1º de janeiro de 2011, pretendo ir para casa descansar. Depois, veremos. O que posso antecipar-lhe, desde já, é que não tenciono me aposentar da política.

Jornalista: O senhor é conhecido por ser um fã de futebol. Como o senhor explica o fato de a Holanda nunca ter ganhado uma Copa do Mundo? E a rivalidade entre Brasil e Argentina?

Presidente: A Holanda já teve seleções extraordinárias, como as de 1974, 1978, 1994 e 1998. O problema é que o futebol tem um elemento de sorte, algo de imponderável. Basta lembrar a Seleção brasileira de 1982, que era um time fantástico, e não chegou lá. Quanto à Argentina, tudo o que posso dizer é que um de meus sonhos futebolísticos é formar uma seleção do Mercosul para jogar contra a seleção da União Européia.

Jornalista: Senhor Presidente, uma última questão. O senhor ainda tem sonhos, depois de quase 28 anos na política?

Presidente: São meus sonhos e ideais que orientam meu trabalho no dia a dia. E creio que partilho esses sonhos com grande parte dos brasileiros: um país com mais justiça social e igualdade. Com menos pobreza. Com mais oportunidades e perspectivas para as pessoas. Um país cujas imensas riquezas cheguem a todos os brasileiros.

(\$31DHKMP)